

# FALA E ESCRITA EM QUESTÃO

*Paulo de Tarso Galembeck (UEL)*  
[ptgal@uel.br](mailto:ptgal@uel.br)

## ***1. Preliminares***

Este texto apresenta, de forma correlativa, os processos de construção da escrita e da fala. Na primeira, enfoca-se o fato de que ela é caracterizada pelo maior número de itens lexicais em cada oração (densidade lexical). Já a fala caracteriza-se antes pela complexidade da organização sintática e a presença de marcas explícitas de subjetividade.

A exposição é ilustrada por textos representativos de cada uma das formas de realização linguística: a) escrita, pelo texto “O demógrafo que pensava o clima”, publicado em PESQUISA FAPESP 171, maio de 2010, p. 41; a fala por um fragmento do Inquérito 251 (Elocução Formal: aula de química para o ensino médio), publicado em Callou (Org., 1991).

### **1.1. Texto 1: O demógrafo que pensava o clima**

A maioria dos estudiosos das mudanças climáticas olha para o céu e para os levantamentos históricos para prever o comportamento do tempo. Com um olhar complementar, Daniel Joseph Hogan olhava para a terra – mais exatamente, para as cidades. Um dos raros especialistas em ciências humanas voltados à avaliação dos impactos das alterações do clima, em novembro de 2009 Hogan apresentou as conclusões de um levantamento que havia coordenado, mostrando que um dos pontos da cidade do Rio de Janeiro mais sensíveis aos excessos do clima eram as proximidades da lagoa Rodrigo de Freitas e as baías de Guanabara e de Sepetiba – de fato, essas áreas e as pessoas que viviam nelas estavam entre as mais atingidas pelas chuvas intensas do início deste ano no Rio. Já em São Paulo as áreas mais sensíveis são as próximas ao leito dos rios Tietê e Pinheiros, espaço de inundações constantes sob as chuvas de dezembro e janeiro.

Hogan, que morreu em consequência de um câncer na bexiga na madrugada do dia 27 de abril, era um dos coordenadores do projeto Megacidades, um amplo estudo sobre clima, solo, relevo e condições de vida de populações de cidades como São Paulo apoiado pelo Programa FAPESP de Mudanças Climáticas Globais. Um de seus propósitos era

fazer com que as conclusões desse estudo chegassem a quem pudesse trabalhar para evitar tragédias causadas pelos temporais do início de cada ano (ver reportagem nesta edição – PESQUISA FAPESP 171, maio de 2010, p. 41).

## 1.2. Texto 2: Projeto NURC/RJ – Inquérito 251 – Bobina 81 – INF 302

- 1 Inf. ...mais um tipo de equilíbrio... pra terminar... pra terminar por completo... então a nossa... estudo de cinética química... vocês imaginem se nós tivérmos...  
AL. que produtos foram utilizados?  
5 Inf. é isso que eu vou (...) isso com um pouquinho de paciência a gente chega lá... a ideia básica é a seguinte... nada vai ser diferente... nada vai ser realmente diferente em cima desse troço que nós estudamos... tentei chamar a atenção ontem... eu tentei chamar a atenção de vocês... para  
10 este tipo de equação aqui... e eu não sei se fui suficientemente feliz... tá? não sei se fui suficientemente feliz... pra que vocês me entendessem de uma maneira... TOTAL... inclusive extrapolando pra outras matérias... a PROFUNDIDADE deste troço... bom... na hora  
15 em que vocês conseguirem sacar a profundidade deste troço... até que ponto a gente é capaz... de apenas com uma simples equação... demonstrativa de um fenômeno COMO ELE SE PASSA AQUI... pra DEPOIS... a gente em qualquer caso particular... chegar a ele... eu vou dar apenas um último exemplo fora... eu acho  
20 que vale a pena a gente encher o saco com esse troço... e... eu quero apenas lembrar que... que mesmo que se trate de um caso particular... não é essa a intenção... tá? a intenção não é... trazer um caso particular... a intenção... é mostrar uma coisa que aconteceu... um troço que já  
25 aconteceu... e que é questão de se fazer perguntar... e olha gente que... eu quero chamar a atenção para um troço... que já está na hora da gente... começar a fazer essas perguntas...  
( ) vocês... vamos ver se há ou não correlação com isto que vou falar... eu tinha dito... se eu colocar cinquenta jovens numa sala... não é? Imaginem... eu tou botando dois... vocês imaginem cinquenta... eu posso perguntar por exemplo a seguinte coisa pra vocês... quantos narizes existem? (NURC/RJ, EF, 251).

## 2. A construção da escrita: integração e densidade lexical

Halliday (1989, caps. 5 e 6) assinala que é um erro pensar que a escrita é mais complexa e mais elaborada que a fala. Na verdade, ambas são igualmente complexas, porém o são de forma diferente. A língua escrita caracteriza-se pela densidade lexical, assinada pelo maior número de itens lexicais (nomes, verbos, advérbios de modo) por oração e por uma maior quantidade de palavras elevadas desses itens em relação às gramaticais. Veja-se uma frase extraída do texto citado no início do trabalho:

- (1) A maioria dos estudiosos das mudanças climáticas olha para o céu e para os levantamentos históricos para prever os comportamentos do tempo.

Nesse período composto por subordinação, há duas orações (a principal e a subordinada final) e onze itens lexicais, e a proporção é, portanto, 5,5. Além disso, o número de itens lexicais é próximo do total de palavras gramaticais (treze). Esclareça-se que, nessa contagem, foram consideradas separadamente as formas repetidas e as contrações (*dos, das*) foram computadas como dois itens.

Isso significa que, na língua escrita, a informação é apresentada de forma mais condensada, e coesa. Verifica-se o agrupamento de mais itens lexicais por oração, traços a que Halliday (*id., ib.*) denomina *densidade lexical*.

O trecho a seguir também constitui um exemplo da densidade lexical.

- (2) Já em São Paulo as áreas mais sensíveis são as próximas ao leito dos rios Tietê e Pinheiros, espaço de inundações constantes sob chuvas de dezembro e janeiro.

Há quinze itens lexicais em uma única oração, o que bem evidencia a condensação de informações que caracterizam o texto escrito: cabe ressaltar, porém, que a condensação não deve ser vista como uma característica intrínseca do texto escrito. Ao contrário, ela resulta do fato de haver, nessa modalidade realização linguística, uma etapa de planejamento que permite o uso consciente e deliberado de determinados procedimentos linguísticos. Esses procedimentos serão focalizados na sequência do trabalho.

As postulações de Halliday coincidem com as de Chafe (1982, p. 39), segundo o qual a língua escrita também é considerada pela integração, assim entendido o empacotamento (*packing*) de uma quantidade maior de informação em uma unidade de ideia. Segundo Chafe, a inte-

gração é realizada por uma série de recursos que permitem incorporar elementos adicionais. Entre esses recursos, são mencionados os seguintes:

- (a) *Nominalizações*, que permitem o encaixamento de noções originalmente expressas por verbos que passem a ser representados por substantivos: *levantamento* no lugar de *levantar*; *mudança* em vez de *mudar*. Veja-se o exemplo:
- (3) A maioria dos estudiosos das *mudanças* climáticas olha para o céu e para os *levantamentos* históricos para prever o *comportamento* do tempo.

A substituição dos nomes assinalados por verbos tornaria a frase mais longa e, conseqüente, a informação mais dispersa:

- (3a) A maioria dos pesquisadores que estudam o processo pelo qual o clima muda olha para o céu e para os dados que foram levantados para prever como o tempo se comporta.

Há seis orações no lugar das duas do texto, ato que provoca a dispersão do conteúdo informativo. De modo complementar à nominalização cabe considerar as sintagmas preposicionadas, que permitem associar um complemento à forma nominalizada: *estudiosos das mudanças climáticas, comportamento do tempo*.

- (b) Particípios com função adjetiva:

Cabe considerar aqui os particípios e os adjetivos formados com o sufixo *-nte*, originárias de particípios presentes latinos. Esses adjetivos correspondem a orações relativas.

- (4) Um dos raros especialistas *voltados* à avaliação dos impactos...
- (4a) ...especialistas *que se voltaram*
- (5) ... para evitar tragédias *causadas*...
- (5a) ... tragédias *que são causadas*...
- (6) ... inundações *constantes*...

- (c) Adjetivos atributivos.

Do mesmo que os particípios, esses adjetivos também correspondem a orações adjetivas e, assim, constituem um recurso para a condensação de informações:

(7) ... um dos pontos da cidade do Rio de Janeiro mais *sensíveis* aos *excessos* do clima...

(7a) ... *que mais são sensíveis*...

(8) ... *pelas* chuvas *intensas*...

(d) Sequências de sintagmas preposicionados.

Trata-se do encadeamento de sintagmas preposicionados, recurso que permite condensar a informação de forma estruturada.

(9) Um dos raros especialistas, em ciências humanas voltados à avaliação dos impactos das alterações do clima...

(10) ... espaços de inundações constantes sob as chuvas de dezembro e janeiro.

(e) Sequências de sintagmas coordenados.

Trata-se de outro procedimento que permite empacotar a informação, por meio de omissão de elementos repetidos.

(11) ... um amplo estudo *sobre clima, solo, relevo e condições de vida* de populações de cidades como São Paulo.

(12) ... um dos pontos mais sensíveis aos excessos do clima eram *a proximidade da lagoa Rodrigo de Freitas e as águas de Guanabara e de Sepetiba*...

(f) Orações infinitivas

Os recursos anteriormente vistos consistiam em palavras ou frases encaixadas numa dada oração, mas agora se trata do encaixamento em outra oração. Vamos considerar, nesse caso, particularmente as orações infinitivas, pelo poder de condensação que lhes é inerente.

(13) Um dos seus propósitos era *fazer* com que as conclusões desse estudo chegassem a quem pudesse trabalhar para *evitar* tragédias causadas pelos temporais no início de cada ano.

### **3. A construção da fala: enredamento sintático – envolvimento entre os interlocutores**

Ainda segundo Halliday (*id.*, *ib.*) a língua falada caracteriza-se pela complexidade na estruturação sintática: as orações se sucedem sem um plano determinado, pois o falante constrói o enunciado aos atos, aos bor-

botões. O resultado é uma estrutura sintática complexa, a que o citado autor denomina *emaranhado* (ou *enredamento*) *gramatical*. Veja-se um exemplo:

- (14) bom... na hora em que vocês conseguirem sacar a profundidade deste troço... até que ponto a gente é capaz... de apenas com uma simples equação... demonstrativa de um fenômeno COMO ELE SE PASSA AQUI... pra DEPOIS... a gente em qualquer caso particular... chegar ele.

No trecho anterior, o falante inicia a elocução com uma oração temporal (*na hora em que*), e a ela se segue uma oração indicativa de limite (*até que*). Não há, contudo, oração principal, pois, na sequência, há uma oração conformativa (*como*) e uma final (*pra*). Ora, essa estruturação afasta-se dos padrões da língua e evidenciam o enredamento que caracteriza estruturação da fala. Quanto aos itens lexicais, verifica-se a presença de treze itens em quatro orações. Isso resulta em um índice acima dos padrões da fala, que tem *geralmente*, um ou dois itens lexicais por oração. Em todo caso, o número de palavras gramaticais (vinte) é bem superior ao de itens lexicais.

- (15) e... eu quero apenas lembrar que ...que mesmo que se trate de um caso particular... não é essa a intenção: tá? a intenção não é... trazer um caso particular.

Tem-se igualmente uma estruturação complexa: uma oração principal, uma completiva, uma concessiva (encaixada na outra subordinada) e uma coordenada. O número de itens lexicais também é baixo: são apenas seis itens, descontadas as repetições.

As características apontadas não devem ser vistas como traços intrínsecos à realização falada, pois essa forma de estruturação (o enredamento gramatical) decorre do fato de que, na fala, não há uma etapa nítida de planejamento: nela a execução e a realização se confundem.

Chafe, no mesmo texto já citado assinala como características da língua falada o envolvimento do falante consigo mesmo e com os demais interlocutores.

O envolvimento do falante consigo é assinalado pelo emprego de verbos na primeira pessoa do singular e do plural (referências à primeira pessoa). O uso da primeira pessoa do plural constitui também uma forma de envolvimento dos ouvintes.

- (16) é isso que *eu vou* ( ) ... isso com um pouquinho de paciência *a gente chega lá* (...)

- (17) (...) *vamos ver* se há ou não correlação com isto que *vou falar* (...)

No envolvimento do falante consigo mesmo merece realce a referência aos próprios processos mentais, marcado sobretudo por verbos de atividade mental:

(18) (...) *eu tentei chamar a atenção* de vocês (...) e *eu não sei* se fui suficientemente feliz (...)

(19) (...) e *eu acho que* vale a pena a gente encher o saco com esse troço (...)

Já o envolvimento do falante com os ouvintes é marcado pelos seguintes procedimentos:

#### (a) Monitoramento do fluxo da informação

Com esse procedimento, o falante busca assegurar a si mesmo que os ouvintes entendam e acompanham o que está sendo dito e, do mesmo modo, consentem que o locutor continue a exercer esse papel. No texto citado, o monitoramento é efetuado de duas formas:

(a1) Marcadores de busca de aprovação discursiva (GALEM-BECK, SILVA, ROSA, 1990), como *tá?*, *né?*, *sabe?*, *não é?*:

(20) (...) e eu não sei se eu fui suficientemente feliz... *tá?*

(21) (...) se eu colocar cinquenta jovens numa sala... não é? (...)

(a2) Uso de procedimentos de envolvimento do ouvinte, representados sobretudo pela segunda pessoa (*vocês*):

(22) (...) *vocês imaginem* se nós tivermos (...)

(23) (...) bom... na hora em que *vocês conseguirem* sacar a profundidade deste troço (...)

#### (b) Procedimentos de ênfase

No texto-base, a ênfase é representada por expressões que reiteram ou reforçam o que está sendo dito e pela elevação da voz:

(24) (...) pra terminar... pra terminar *por completo* (...)

(25) (...) pra que vocês me entendessem de uma maneira... *TOTAL* (...)

#### (c) Imprecisão

Termos e expressões de valor vago e impreciso, segundo Chafe (*op. cit.*, p. 48), também constituem recursos para o envolvimento entre

os interlocutores. No texto-base, a imprecisão é assinalada por certos nomes genéricos (troço, coisa), com os quais o locutor busca envolver os interlocutores e fazê-los aceitar as noções expostas. No caso do termo *troço*, o caráter informal também reforça o envolvimento.

Outras expressões que denotam imprecisão são: *etc.*, *uma espécie de*, *um pouquinho de*.

#### (d) Discurso direto

Ao tornar a elocução mais concreta e palpável, o discurso direto contribui para o envolvimento entre os interlocutores.

(26) (...) aí alguém me pergunta “vem cá... por que que quando boto água ... dissolve” ... digo “muito simples.... quando você... bota água ...você diminui a concentração desses caras” (...) (NURC/RJ, 251, l. 425-429).

Ao simular o par pergunta/resposta, o professor antecipa uma dúvida dos alunos e a resposta. O discurso torna-se mais vivo e, ademais, o professor evita ser interrompido pelo aluno.

#### 4. *Considerações finais*

Foram apresentadas, no decurso da exposição, algumas diferenças entre as realizações falada e escrita, no que diz respeito à construção do enunciado e ao envolvimento entre os interlocutores. Verificou-se que o texto escrito é mais sintético e nele a informação é mais densa, pois há maior número de itens lexicais por oração. Já na realização falada, a estrutura dada é bem mais complexa e afasta-se dos padrões sintáticos canônicos, e isso reflete o fato de ser a fala planejada localmente, no momento da execução. Também se verificou, no texto falado, a presença de elementos de (inter)subjetividade, decorrente da copresença dos interlocutores e da necessidade da criação de um espaço comum por ele partilhados.

Cabe ressaltar, porém, que a fala e a escrita não podem ser encaradas de forma oposta e dicotômica; as diferenças expostas não lhes são inerentes, pois decorrem da forma como elas são realizadas e das circunstâncias da enunciação. A enunciação determina a forma do enunciado, cujas características fluem das condições de produção do texto. A fala e a escrita mantêm uma relação de complementaridade. Essa particularidade foi bem enunciada por Marcuschi (2001) que, em sua obra seminal, con-



sidera a fala e a escrita a partir de uma visão sociointeracionista e afirma que ambas constituem um fenômeno dialógico, interativo e dinâmico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLOU, Dinah (Org.). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro*. v. I – Elocuções formais. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras/FUJB, 1991.

CHAFE, Wallace L. Integration and Involvement in Speaking, Writing and Oral Litterature. In: TANNEN, Deborah. (Org.). *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 35-53.

GALEMBECK, Paulo de Tarso; SILVA, Luiz Antônio; ROSA, Margaret de Miranda. O turno conversacional. In: PRETI, Dino e URBANO, Hidinilson (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v. IV – Estudos. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 1989, p. 58-98.

HALLIDAY, Michael A. K. *Spoken and Written Language*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita. Atividades de re-textualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

PESQUISA FAPESP: 171, maio de 2010.